

# UM ESTUDO COMPARATIVO SOBRE AS TEORIAS DA HISTÓRIA DE MARX E DE VEBLEN: UMA APROXIMAÇÃO EVOLUCIONÁRIA

**AUTOR:** Leonardo Segura – mestrando em Economia pela UFRGS.

Endereço eletrônico: lseguram@hotmail.com

**CO-AUTOR:** Prof. Dr. Octavio Augusto Camargo Conceição – Professor Adjunto da UFRGS.

Endereço eletrônico: octavio@fee.tche.br

**ÁREA 1:** Metodologia e História do Pensamento Econômico

**SUBÁREA 1.2:** História do Pensamento Econômico

**SESSÕES ORDINÁRIAS**

## RESUMO

Este artigo procura estabelecer um diálogo entre Marx e Veblen, especificamente no que diz respeito à história e à mudança histórica. Para tanto, buscamos delinear a formação das respectivas teorias da história de ambos os autores, a fim de construir uma genealogia do pensamento Marxiano e Vebleniano a respeito da história. Ambos os autores apresentam diferentes arcabouços teóricos e, nesse sentido, as evidências sugerem um caráter evolucionário da teoria marxiana da história, ao contrário das críticas feitas por Veblen, algo que ao invés de afastar ambos os autores, pode ser elemento que os aproxime cada vez mais, dada as devidas limitações, notadamente no que diz respeito à análise de classe. Isto significa uma aproximação teórica entre a Escola Institucionalista de matriz vebleniana e Marx no sentido de um amplo programa de pesquisas. Tal argumentação faz sentido dado que ambos os autores, Marx e Veblen, constituíram-se como grandes críticos do *status quo* estabelecido, tanto no que diz respeito à teoria econômica *mainstream*, quanto ao que diz respeito ao próprio sistema capitalista.

**Palavras-chave:** Teoria da história, Marx, Veblen, evolucionismo.

## ABSTRACT

This paper aims to establish a dialogue between Marx and Veblen, specifically regarding to history and historical change. For this, we seek to outline the formation of the respective theories of history of both authors to build a genealogy of the Marxian and Veblenian thought on history. Both authors present different theoretical outlines and, in this way, the evidences suggest an evolutionary character of the Marxian theory of history unlike the critics made by Veblen, which can be an

element of approximation instead of separation of these authors, given the limitations regarding specially on class analysis. This means a theoretical approach between the Institutional School of Veblenian matrix and Marx in the sense of an extensive research program. Such argumentation makes sense given the fact that both authors, Marx and Veblen, constituted as great critics of the established *status quo*, both as regards the mainstream economic theory and the capitalist system itself.

**Key Words:** Theory of history, Marx, Veblen, evolutionism.

## 1. INTRODUÇÃO

A discussão a respeito do caráter da teoria da história de Marx - que está intimamente inserida na construção de seu sistema filosófico - tem sido muito discutida entre defensores e críticos<sup>1</sup> no âmbito das humanidades desde a primeira metade do século XX.

Não há apenas um teórico a respeito do assunto, mas o que é próprio em Marx é que ele, de fato, possui uma teoria genuína da história e esta está pautada na produção da vida material, a qual diz respeito ao que ele define como termos reais e não em termos de autoconsciência como até então os filósofos - notadamente alemães - vinham encarando o problema. E nesse sentido, o autor se propõe a responder duas questões fundamentais, quais sejam, 1) o que comanda a evolução histórica das sociedades?; e 2) qual é o exato mecanismo causal que lidera a transição de uma forma de sociedade para outra?

Outras vertentes da discussão a respeito da natureza de ser do materialismo histórico de Marx e a fundamentação de uma teoria social nela centrada, pautam-se a respeito de um possível caráter teleológico em sua formulação - a qual levaria a uma etapização histórica rígida - e em uma possível concepção de que o indivíduo não existe enquanto agente autônomo, mas sim enquanto ser social determinado historicamente. Sobre estes aspectos, muitos autores tem levantado críticas específicas à teoria da história de Marx, dentre os quais se destaca Thorstein Veblen.

A obra de Veblen tem enorme importância na esfera das humanidades, destacando-se suas contribuições em Filosofia, Economia e Sociologia, onde o autor sempre procurou exercer uma abordagem de caráter mais sistêmico e dinâmico dos fenômenos sociais. No que concerne especificamente à teoria econômica, Veblen criticou severamente o caráter não evolucionário pelo qual a ciência econômica de sua época apresentava, propondo uma complexa teoria social em que as

---

<sup>1</sup> Dentre os críticos, uma importante referência está em Popper (1944). Para uma defesa ver Cohen (2000).

instituições e o caráter darwiniano pelo qual estas evoluíam tinham papel central. Dessa maneira, seu pensamento distanciou-se da visão reducionista e estática da teoria econômica neoclássica.

É possível, portanto, identificar entre esses dois autores, Marx e Veblen, uma primeira aproximação no que diz respeito à maneira pela qual ambos viam a mudança: esta se dava de maneira processual e estudar esse processo era ponto central para a teorização. No entanto, apesar dessa simples aproximação Veblen teve severas críticas à maneira pela qual muitos marxistas de sua época - e em certos momentos o próprio Marx - enxergavam a dinâmica que o processo histórico tinha.

As críticas de Veblen se deram ao longo de vários trabalhos seus, mas podem ser vistas de maneira sistematizada em Hodgson (1998, p. 416-420) e se concentram essencialmente em quatro pontos. No primeiro destes pontos, Veblen destaca que o materialismo histórico como método de interpretação da história aponta o desenvolvimento social através da luta de classes. Em segundo lugar, para Veblen, o materialismo histórico concebe o homem apenas como um produto das transformações das leis sociais, isto é, um mero ser social. O terceiro ponto que Veblen destaca como crítica diz respeito à ausência de indivíduos e instituições no processo de evolução histórica teorizado por Marx. O último ponto crítico é que, para Marx, o indivíduo não era concebido em sua totalidade, isto é, em termos biológicos e socioeconômicos.

Fundamentalmente, as críticas de Veblen em direção à Marx estão dentro do escopo daquelas outras vertentes da discussão a respeito da teoria da história de Marx, ou seja, a respeito de um suposto determinismo em sua análise histórica. Sendo assim, o artigo pretende delinear algumas notas a respeito dos dois autores a partir de dois pontos principais: 1) investigar as origens e desenvolvimentos da concepção de história em Marx<sup>2</sup> e em Veblen; e 2) analisar criticamente o materialismo histórico de Marx à luz das advertências feitas por Veblen, isto é, em que medida a concepção marxiana de história apresenta um caráter evolucionário.

Como hipótese de trabalho, entende-se que há possibilidade de estabelecer um diálogo entre os dois autores, notadamente no que diz respeito ao processo de mudança social em uma aproximação entre marxismo e institucionalismo.

---

<sup>2</sup> A análise não será centrada em comentadores de Marx, mas sim no próprio autor, notadamente nas obras *A Ideologia Alemã*, nos *Grundrisse*, no Prefácio da *Contribuição à Crítica para a Economia Política* e em cartas selecionadas de Marx.

## 2. TEORIA DA HISTÓRIA DE MARX: DE A *IDEOLOGIA ALEMÃ* AOS *GRUNDRISSE*

A teoria da história de Marx tem sua sistematização mais conhecida no famoso *Prefácio à Contribuição para a Crítica da Economia Política*<sup>3</sup>, onde o autor apresenta uma concepção fundamentada no princípio de um desenvolvimento histórico-dialético das sociedades. Este, por sua vez, advém da herança hegeliana, mas ao mesmo tempo rompe fundamentalmente com a mesma ao tratar da problemática contraditória do desenvolvimento da indústria e das trocas - isto é, das forças produtivas ou em termos reais - e não do Espírito. Contrapõe-se, nesse sentido, a libertação filosófica e a libertação real, em que, para Marx a libertação real advém de termos reais e não oriundos da autoconsciência.

A trajetória do pensamento de Marx a respeito da história pode ser delineada a partir de duas obras fundamentais: *A Ideologia Alemã* e os *Grundrisse*<sup>4</sup>. Há entre essas obras uma transição importante no pensamento de Marx a respeito da história, sem, entretanto, haver ruptura de seu pensamento.

Em *A Ideologia Alemã*, Marx e Engels formulam inicialmente sua concepção de evolução histórica real, isto é, dos modos de produção, e fundamentam mais suas críticas às concepções históricas vigentes principalmente na Alemanha<sup>5</sup> da época. Contrariamente ao que os filósofos idealistas diziam, Marx e Engels (2011, p. 29) mostram que

só é possível conquistar a libertação real [wirkliche Befreiung] no mundo real e pelo emprego de meios reais; que a escravidão não pode ser superada pela máquina a vapor e a Mule-Jenny, nem a servidão sem a melhoria da agricultura, e, que, em geral, não é possível libertar os homens enquanto estes forem incapazes de obter alimentação e bebida, habitação e vestimenta, em qualidade e quantidade adequadas.

Portanto, a mudança social é vista como sendo ocasionada por condições históricas para tal. E para Marx, natureza e história são aspectos indissociáveis. Tal argumento nos remete à primeira pergunta colocada na introdução do artigo e relacionada a Marx: sendo assim, quais as forças que comandam a evolução histórica?

O ponto central para responder a essa pergunta reside inicialmente na crítica que Marx e Engels proferem a Feuerbach e a seu suposto materialismo. De acordo com Marx e Engels (2011, p. 30), a concepção feuerbachiana “não vê como o mundo sensível que o rodeia não é uma coisa dada

---

<sup>3</sup> Ver Marx (1982, p. 3-27).

<sup>4</sup> Nos *Grundrisse*, ver especialmente a seção sobre as formas precedentes à produção capitalista. Ver Marx (2011, p. 388-423).

<sup>5</sup> A Unificação Política Alemã, no entanto, só ocorreu em 1871, mas seguiremos a própria maneira pela qual o autor escreve.

imediatamente por toda a eternidade e sempre igual a si mesma, mas o produto da indústria e do estado de coisas da sociedade”. Aqui Marx define aonde quer chegar com o seu materialismo, pois este vislumbra claramente a noção de mudança social a fim de uma libertação real do homem, sendo que esta se dá não no mundo sensível como advogava Feuerbach, mas sim no mundo real, das forças produtivas.

A primeira parte do trabalho é definida pelos autores como uma pesquisa a respeito do trabalho dos homens sobre a natureza. A história para Marx, portanto, caracteriza-se pelo seu caráter materialista em que é na produção de meios para a satisfação das necessidades humanas - isto é, a produção da vida material - que se constitui o primeiro ato histórico. Feito isso, a própria produção da vida material acarreta na condução de novas necessidades reais, as quais demandam nova produção material da vida. O grande olhar de Marx se dá não em termos do político<sup>6</sup>, teológico ou literário, mas sim do que ele denomina “tempos pré-históricos”. Estes dois pontos acima colocados se constituem como elementos centrais do próprio desenvolvimento histórico da sociedade.

Dentro da produção da vida material, há uma dupla relação de natureza natural e social. Lembra-se aqui que, para os autores em questão, não há dissociação entre história e natureza no processo de desenvolvimento das sociedades. Sendo assim, essa dupla relação existente na produção da vida material se dá por meio de três condições, sendo as duas primeiras na produção da vida própria e na produção da vida alheia, a qual os autores caracterizam como a procriação humana. “Segue-se daí que um determinado modo de produção ou uma determinada fase industrial estão sempre ligados a um determinado modo de cooperação ou a uma determinada fase social.” (MARX e ENGELS, 2011, p. 34).

Essa intervenção humana na própria produção material da vida se caracteriza como uma terceira condição fundamental para todo o processo. Além disso, constitui-se a própria dupla relação natural e social, visto que a origem da família advém de um processo inicial de procriação entre homem e mulher (aspecto natural da relação - a família) e com o passar do tempo há um aumento nas necessidades e nas próprias relações sociais (aspecto social da relação).

Após o estabelecimento das relações históricas, desenvolve-se nos homens a “consciência”, que nada mais é do que a exteriorização do espírito.

---

<sup>6</sup> Por político, Marx e Engels não tratam aqui da ciência política, mas a referência é à maneira pela qual a historiografia de seus tempos lidava com os jogos do político, reduzindo o fazer da escrita histórica como sequência à narrativa de “pomposas ações dos príncipes e dos Estados.” (MARX e ENGELS, 2011, p. 39). Crítica semelhante foi elaborada no século XX pela Escola Francesa dos Annales, como pode ser visto em Burke (2010).

Essa consciência de carneiro ou consciência tribal obtém seu desenvolvimento e seu aperfeiçoamento ulteriores por meio da produtividade aumentada, do incremento das necessidades e do aumento da população, que é a base dos dois primeiros. Com isso, desenvolve-se a divisão do trabalho, que originalmente nada mais era do que a divisão do trabalho no ato sexual. (MARX e ENGELS, 2011, p. 35).

Se a primeira parte de *A Ideologia Alemã*, no que diz respeito à formulação de uma genuína teoria da história por parte dos autores, lida com o trabalho dos homens sobre a natureza, em um segundo momento trata-se da maneira pela qual o trabalho desses mesmos homens se dá sobre os outros homens. Ou seja, buscar-se entender como a formação dos Estados se relaciona com a sociedade civil de onde ele nasce. Segundo Marx e Engels (2011, p. 40),

A história nada mais é do que o suceder-se de gerações distintas, em que cada uma delas explora os materiais, os capitais e as forças de produção a ela transmitidas pelas gerações anteriores; portanto, por um lado ela continua a atividade anterior sob condições totalmente alteradas e, por outro, modifica com uma atividade completamente diferente as antigas condições.

Nesta passagem acima transcrita, o elemento finalístico pelo qual Marx é acusado muitas vezes em sua formulação da história não se mostra presente. Em nenhum momento é possível inferir qualquer menção a um suposto *fim da história*, mas sim que ela se dá de maneira contínua e evolutiva. Por evolutiva, aqui, entende-se que nada surge do nada, e sim no decorrer das transformações que momentos anteriores passam e que desembocam no atual. Ou seja, procura-se com isso identificar o elemento inicial do processo sem apontar de antemão a maneira pela qual esta transformação se dará.

A análise da história que Marx e Engels fazem centra forte crítica na historiografia da época, notadamente a alemã, pois esta não lidava com as relações reais. Com isto, os autores constroem uma teoria da história fundamentada em condições reais de análise, retirando a supremacia do espírito - a consciência humana - da concepção histórica. Esta deve carregar em si a análise dialética dos fatos, isto é, do entendimento claro dos fatos a partir de sua unidade e de sua contradição, as quais apresentarão como produto algo diferente. Ao buscar reconstruir a história da humanidade voltando-se aos “tempos pré-históricos”, Marx e Engels identificam esses elementos de unidade e contradição ao longo do desenvolvimento da sociedade.

Um exemplo dentro da obra dos próprios autores pode ser visto a respeito do surgimento de novas cidades na Idade Média, onde a fuga de servos tem papel crucial. Estes, de acordo com Marx e Engels (2011, p. 66), “servos fugitivos já eram meio burgueses”. A partir daí Marx elabora uma análise do significado que a concorrência entre os servos fugitivos que progressivamente afluíam às

cidades e o surgimento das corporações de ofício. Estas, por sua vez, traduziam-se em comunidades organizadas receptoras de trabalho livre recém chegado às cidades. Nesse sentido, há uma relação entre a fuga de servos dos campos em função das perseguições de seus senhores, que migram para as aglomerações urbanas dotados apenas de seu próprio trabalho particular e algum capital próprio - em geral, algumas ferramentas essenciais. Como defesa contra o crescente influxo de servos fugidos, institucionaliza-se um sistema corporativo ao longo de toda a Idade Média.

Após estabelecerem os fundamentos de sua teoria da história, Marx e Engels concebem uma análise descritiva das transformações feudais e o ensejo das forças capitalistas no seio da própria unidade feudal, o qual se dá em um processo progressivo. As condições de surgimento da classe burguesa nascem, então, nas cidades medievais a partir da oposição às relações existentes no campo entre servos e senhores. Nesse sentido, “os burgueses criaram essas condições na medida em que se separavam da associação feudal, e foram criados por elas na medida em que eram determinados por sua oposição contra a feudalidade então em vigor.” (MARX e ENGELS, 2011, p. 63).

A passagem acima mencionada mostra claramente que não há uma relação unívoca no âmbito da luta de classes como mecanismo causal na transição da sociedade. A contradição não está propriamente no burguês *versus* senhor feudal, mas sim no âmago das relações precedentes entre servo e senhor feudal, em que caracterizam a própria ordem feudal. Dessa maneira, o burguês é o produto dessa relação contraditória precedente.

## 2.1 A PASSAGEM PARA OS *GRUNDRISSE*

Como foi dito anteriormente, as obras fundamentais para o entendimento da formação do pensamento de Marx a respeito da história são *A Ideologia Alemã* e os *Grundrisse*. Entre ambos, há uma transição no pensamento do autor

Dentre as diferenças fundamentais entre as duas obras, pode-se indicar duas principalmente. Em primeiro lugar, em *A Ideologia Alemã* Marx e Engels apresentam uma teoria na qual a história é comandada pela divisão do trabalho, o que remete a uma ideia smithiana oriunda de *A Riqueza das Nações*. Já nos *Grundrisse*, a história é um movimento em direção à propriedade privada fruto de uma gradual separação entre trabalho subjetivo e condições objetivas de trabalho, um processo crescente de alienação. Em segundo lugar, em *A Ideologia Alemã*, Marx e Engels apresentam uma visão linear da história, ao passo que nos *Grundrisse* há múltiplas trajetórias.

A centralidade da divisão do trabalho em *A Ideologia Alemã* se dá na interação dialética entre forças de produção e relações de produção. Marx e Engels identificam esta relação

tendencialmente como relações de propriedade, ao passo que nos *Grundrisse* tais relações de propriedade são o conceito central. Tais interações dialéticas garantem o caráter não determinístico do processo, pois a relação não é unívoca e há uma reação de volta no processo histórico. No entanto, a distinção é entre “forças”, “produção” e “relação”, onde Marx e Engels tendem a identificar relação com a divisão do trabalho. As mudanças nas relações de propriedade refletem em mudanças nas relações de trabalho.

O elemento linear que destacamos como presente em *A Ideologia Alemã* diz respeito às fases do desenvolvimento histórico observadas pelos autores. Este se iniciaria no tribalismo, passaria ao escravismo, depois ao feudalismo e então alcançaria o capitalismo. A mudança central entre as fases está na esfera da propriedade, que deixa de ser tribal, passa a ser comunal (ou estatal) e assim por diante. O feudalismo pode ser visto como superior ao escravismo não porque ele atingiu um nível maior de divisão do trabalho, mas porque ele se constituiu em um passo adiante em direção à propriedade privada.

A explicação da mudança histórica em *A Ideologia Alemã* se dá na correspondente relação entre forças e relações de produção. O mecanismo da mudança reside em que estas forças de produção tendem a se desenvolverem e eventualmente ultrapassam as antigas relações de produção. É nesse sentido que novas relações de produção emergem no seio do antigo modo de produção e, para Marx e Engels, essa tensão ocorrida é a verdadeira evolução.

Como dito anteriormente, nos *Grundrisse* a evolução dos modos de produção se dá a partir de mudanças nas relações de propriedade. A separação completa do trabalho subjetivo e das condições objetivas de trabalho se dá somente no capitalismo. No entanto, uma importante contribuição dos *Grundrisse* está na ideia de que o processo ainda se inicia no tribalismo, mas há rotas diversas que as sociedades tomaram. Nesse sentido, Marx identifica outros caminhos pelos quais o desenvolvimento histórico nas sociedades rumou, subdividindo o próprio feudalismo em duas partes: a forma eslava e a forma germânica. Além disso, há a forma asiática e a antiguidade.

Nas formas pré-capitalistas os instrumentos de trabalho se caracterizam como apropriação das condições naturais de trabalho e, portanto, não há o elemento da alienação. A transição para um outro modo de produção se processa, evidentemente, a partir da luta de classes, mas a mesma pode se engendrar nas próprias relações internas. Nesse sentido, frequentemente uma força externa



poderia liderar a mudança para outra formação social ou outro modo de produção<sup>7</sup>. Nos *Grundrisse* essas múltiplas trajetórias a partir do tribalismo *eventualmente* culminaram no capitalismo. A mudança, portanto, dá-se de maneira processual e não-determinística, o que para Veblen se mostra como ponto central de sua concepção de história.

### 3. TEORIA DA HISTÓRIA DE VEBLEN: A HISTÓRIA ABSURDISTA

O pensamento de Veblen se caracteriza por uma grande complexidade e diversidade temática. Seus escritos lidam desde a teoria econômica até a filosofia da ciência, passando por diversas áreas do conhecimento das humanidades. O elemento central em todas essas contribuições se dá em sua busca pelo entendimento das sociedades a partir de uma perspectiva evolucionária.

Em Argyrous e Sethi (1996) há um mapeamento da maneira pela qual Veblen distingue modos de pensamento científico entre teleológico e evolucionário. Em um artigo próprio, Veblen destaca que a ciência na sociedade moderna - isto é, na moderna cristandade - tem o atributo de ser uma espécie de árvore da vida na terra, a chama da luz do conhecimento<sup>8</sup>. Nesse sentido, em suas palavras, “*modern common-sense holds that the scientist’s answer is the only ultimately true one.*” (VEBLEN, 1906, p. 588).

#### 3.1 ANTECEDENTES DO PENSAMENTO VEBLENIANO

Em 1885 a American Economic Association (AEA) foi criada, tendo como seus principais fundadores Henry Carter Adams, John Bates Clark e Richard T. Ely (Hodgson, 2001, p. 138). Os três, juntamente com outros economistas e sociólogos norte-americanos estiveram na Alemanha e foram profundamente influenciados pela Escola Histórica Alemã. A doutrina que influenciou fortemente a AEA em seus primeiros anos foi de rejeição aos princípios e às soluções fundadas no mecanismo de *laissez-faire*, uma vez que, segundo os ensinamentos dos historiadores alemães, as economias nacionais deveriam ser encaradas como um organismo social, transcendendo os indivíduos e grupos que a constituem. Havia, neste sentido, um predomínio de idéias socialistas e social democratas em tais concepções. A influência das idéias de Bismarck na Alemanha da época

---

7 “Os últimos séculos do Império Romano em declínio e sua conquista pelos bárbaros destruíram uma enorme quantidade de forças produtivas; a agricultura havia diminuído, a indústria decaíra pela falta de mercados, o comércio adormecera ou fora violentamente interrompido, as populações da cidade e do campo haviam diminuído. Essas condições preexistentes e o modo de organização da conquista por elas condicionado desenvolveram a propriedade feudal, sob influência da organização militar germânica.” (MARX e ENGELS, 2011, p. 90-91).

8 Essa metáfora utilizada por Veblen é uma alusão à bula papal de Alexandre IV, editada em 1255. Ver Abulafia (ed.) (1999, p. 272).

foram pioneiras no sentido de esboçar os contornos do *welfare state*, colocando a educação pública, seguridade social e outras medidas como objetivo central do estado<sup>9</sup>. Junto com estas políticas havia, por parte dos economistas da AEA, uma franca hostilidade à teorização dedutiva e generalista.

Em 1886, a revista semanal *Science* promoveu um debate com Adams, Ely e Seligman, como defensores da escola histórica, contra Taussig e outros opositores à mesma. A partir daí, Seligman, então influente economista da *Columbia University*, propôs as seguintes idéias chave da Escola Histórica Alemã:

1. Descartar o uso do método dedutivo, e explorar a necessidade de tratamento histórico e estatístico;
2. Negação da existência de leis imutáveis em economia, atentando para a interdependência entre teorias e instituições, demonstrando que diferentes épocas ou países requerem diferentes sistemas;
3. Oposição à crença nos benefícios do sistema absoluto de *laissez-faire*; sustentar a estreita inter-relação entre a lei, a ética e a economia; e a recusa em reconhecer a adequação de explicações científicas baseadas em pressupostos de auto-interesse como único regulador da ação econômica (Seligman, 1925, p. 15-16 *apud* Hodgson, 2001, p. 139).

Com estes pontos Seligman desejava articular um novo movimento na economia dos Estados Unidos, destacando-se que os dois primeiros pontos constituíam uma clara preocupação do referido autor com o problema da especificidade histórica, objeto central do livro de Hodgson (2001) *How Economics Forgot History*.

Samuels (1998 *apud* Hodgson, 2001, p. 139) salienta que a emergência das idéias centrais do institucionalismo americano surgiram no final dos anos 1890. E Veblen teve papel seminal neste processo<sup>10</sup>. A relevância dos mencionados pressupostos e as idéias de pragmatistas influenciaram Veblen de tal maneira que, entre os anos de 1896 e 1898, ocorreu uma revolução no pensamento

---

<sup>9</sup> Vale lembrar que Marx foi um severo crítico dos proponentes dessa “economia política nacional”, notadamente Friedrich List, como fica claro em um review que ele fez sobre o clássico livro de List. Ver Marx (1845).

<sup>10</sup> Nascido em Wisconsin, filho de imigrantes noruegueses, Veblen aprofundou-se no estudo das ciências sociais e naturais. Foi profundamente influenciado por William James, filósofo e psicólogo, e Charles Sanders Pierce, filósofo, os quais fundaram a escola pragmatista de filosofia. Ambos eram críticos a Spencer, uma vez que rejeitavam seu utilitarismo, advogando, ao contrário, uma concepção ativista e reconstrutiva da atividade humana, centrada nos hábitos e instintos. Por esta razão, Pierce e James aproximavam-se de Darwin, invés de Spencer.

vebleniano. Embora não tivesse se engajado diretamente no problema da especificidade histórica, seu foco intelectual passou a centrar-se nos seguintes pontos:

- a) Foco na instituição, bem como nos indivíduos como unidades de evolução social e análise;
- b) Apontar para explicações causais tanto da agência individual, quanto da emergência de fenômenos sócias, de maneira consistente tanto com as ciências naturais, quanto com as ciências sociais;
- c) Ver a deliberação racional como resultado da habitualidade (habituation), estabelecendo, contudo, o primado do hábito sobre o pensamento racional;
- d) Evitar os três reducionismos: coletivismo metodológico, individualismo metodológico e reducionismo biológico;
- e) Colocar o aprendizado e o conhecimento na centro da evolução tecnológica e econômica;
- f) E posicionar-se a favor de uma visão não-teleológica do desenvolvimento histórico. (Hodgson, 2001, p. 140).

Esses pontos suscitados na visão vebleniana são de extrema atualidade. Este breve sumário de sua revolução intelectual (prematura face a agenda institucionalista e evolucionária dos dias de hoje) tem uma estreita ligação com a questão da especificidade histórica, que Hodgson prioriza em seu livro. Hodgson salienta ainda, completando os suporte analítico que Veblen explicitaria anos depois, que, já em 1897, ele formularia sua principal crítica ao marxismo, que seus ensaios posteriores desenvolveriam. Hodgson (2001, p. 140) salienta que:

*Veblen rightly argued that the mere class position of an individual as wage labourer or a capitalist tells us very little about the specific conceptions or habits of thought, and thereby the likely actions, of the individuals involved. Individual interests, whatever they, do not necessarily lead to corresponding individual actions.*

Não se trata aqui de estabelecer um contraponto antagônico entre as visões de Veblen e Marx, mas em estabelecer algumas diferenças metodológicas e ontológicas que terão consequências analíticas bastante diferentes entre as duas visões. Entretanto, isto não invalida a semelhança em vários pontos dos dois autores, como a noção da especificidade do processo histórico, quer em sua dimensão dialética, quer em sua dimensão absurdista, de um ou de outro. Outro ponto é contínua rejeição à dominância do indivíduo atomizado otimizador e calculista do mundo clássico convencional. Em terceiro lugar, há em ambas abordagens momentos de ruptura estrutural que impõe novos hábitos ou padrões de comportamento que impõem avanços ou retrocessos. Assim, em

Veblen, os avanços teóricos sobre como o movimento histórico se estabelece e muda a vida das pessoas assumem um caráter necessariamente evolucionário, como se verá na sequência.

### 3.2 VEBLEN E O LEGADO DO ANTIGO INSTITUCIONALISMO

Tomando-se o “velho” institucionalismo como aquele defendido por Veblen, Commons e Mitchell saliente-se que os três centraram sua análise na importância das instituições, reivindicando uma genuína economia evolucionária.

O clássico artigo de Veblen *Why is economics not an evolutionary science?*, escrito em 1898, apesar de sugerir no título o caráter não-evolucionário da economia, revela muita proximidade com o referido pensamento. Já em 1919, Veblen salientava que a história da vida econômica dos indivíduos constituía-se em um “processo cumulativo de adaptação dos meios aos fins, que, cumulativamente, modificavam-se, enquanto o processo avançava”. Isto implica reconhecer que Veblen adotou uma posição pós-darwiniana, enfatizando o caráter de “processo de causação” tão comum na concepção evolucionária.

A própria ciência moderna tem, para Veblen, uma conotação “não-estática” ou “equilibrista”,<sup>11</sup> mas com forte identidade metodológica ao evolucionismo. Veblen escreveu em 1899, que “...a vida do homem em sociedade, assim como a vida de outras espécies, é uma luta pela existência e, conseqüentemente, é um processo de seleção adaptativa. A evolução da estrutura social tem sido um processo de seleção natural de instituições.” (Veblen, 1899, p. 188 *apud* Hodgson, 1993, p. 17).

Este processo de seleção ou coerção institucional não implica que elas sejam imutáveis ou rígidas. Pelo contrário, as instituições mudam e, mesmo através de mudanças graduais, podem pressionar o sistema por meio de explosões, conflitos e crises, levando a mudanças de atitudes e ações. Em qualquer sistema social há uma permanente tensão entre ruptura e regularidade, exigindo constante reavaliação de comportamentos rotinizados e decisões voláteis de outros agentes. Mesmo

---

<sup>11</sup> No original tem-se a seguinte citação: “A história da vida econômica do indivíduo é um processo cumulativo de adaptação dos meios aos fins que cumulativamente mudam enquanto o processo avança, sendo os agentes e seu meio ambiente, em qualquer ponto do tempo, resultantes de processos passados. Esta é uma plena concepção de evolução, onde todos os elementos podem mudar em um processo de causação cumulativa. Especificamente, o indivíduo e suas preferências não são tidas como fixas ou dadas. (...) A ciência moderna tem se tornado substancialmente uma teoria do processo de mudanças consecutivas, realizadas de maneira auto-contínuas e auto-propagadas para não ter termo final (Veblen, 1964, p. 37). Portanto, Veblen via a ciência moderna como se movendo para fora das conceitualizações de equilíbrio e estática comparativa”. (Hodgson, 1993, p. 17).

podendo persistir por longos períodos, está igualmente sujeita a súbitas rupturas e conseqüentes mudanças nos hábitos de pensar e ações, que são cumulativamente reforçados.

A idéia de evolução em Veblen está intimamente associada a de “processo de causação circular” e a complexidade das idéias de Veblen o credencia a estar incluído entre os grandes nomes do pensamento econômico, como Marx, Marshall e Schumpeter. Igualmente poderia figurar entre os principais expoentes da “moderna economia evolucionária”, uma vez que seu programa de pesquisa procurava implicitamente explorar a aplicação de idéias da biologia às ciências econômicas. Isto, segundo Hodgson (1993), torna Veblen um *evolucionário*, o que permite designar seu pensamento como uma espécie de *institucionalismo evolucionário*.

### 3.3 O EVOLUCIONISMO DE VEBLEN

A principal distinção entre o pensamento teleológico e o evolucionário, para Veblen apud Argrou e Sethi (1996, p. 476), é que nas concepções teleológicas “*there is a propensity in the nature of things which propels all motion in the direction of some preconceived state of normality.*” Há, portanto, a concepção prévia de que a natureza das coisas tende a um fim à medida que as coisas funcionam de acordo com o que o senso comum dominante aceita como coerente. Essa crítica diz respeito principalmente ao uso de “casos normais” por parte dos economistas ortodoxos, os quais Veblen critica pela falta de uma análise evolucionária dos hábitos. Por outro lado, hábitos evolucionários de pensamento “*are held to be ‘substantially materialistic’ in the sense that they are free of any preconceptions regarding inherent tendencies of controlling principles which underlie laws of motion.*” (ARGYROUS e SETHI, 1996, p. 476).

O progresso existe, mas não é tratado como algo que caminha em termos de um ponto final natural. Para tanto, Veblen rejeita tanto a concepção utilitarista do homem, quanto teorias sociais que captam apenas a esfera econômica dos fenômenos. É a partir da formação de hábitos que o comportamento humano se articulará à esfera cultural, que por sua vez é o meio em que tais esferas emergiram e onde o fenômeno econômico ocorrerá. Para tanto, o agregado não se constitui apenas uma soma dos indivíduos, pois há uma interação micro-macro em um processo de causação cumulativa. De acordo com Veblen (1898a, p. 381),

*the process of change in the point of view, or in the terms of definitive formulation of knowledge, is a gradual one (...) Economics is not an exception to the rule, but it still shows too many reminiscences of the “natural” and the “normal”, of “verities” and “tendencies”, of “controlling principles” and “disturbing causes”, to be classed as an evolutionary science.*

O entendimento da sociedade não passaria, portanto, apenas por uma questão de equilíbrio ou estática comparativa. Contrariamente a isso, Veblen argumentou que o relevante era analisar o processo de evolução e mudança social, dado que este se caracterizaria como um processo de seleção natural de instituições. Dessa maneira, a compreensão histórica adquire sentido *lato* na análise social, que deixa de ser meramente econômica.

Instituição, para Veblen, assume um caráter mais amplo e complexificado do que meras arregimentações físicas ou jurídicas. De acordo com Conceição (2002, p. 122) “o conceito de instituição em Veblen pode ser resumido como um conjunto de normas, valores e regras e sua evolução”. Tais elementos são resultantes de uma dinâmica seletiva e coercitiva. Nesse sentido, qual seria a concepção de história para Veblen?

Delinear a formação do pensamento histórico nas obras de Veblen passa por alguns de seus trabalhos do final do século XIX e começo do XX, notadamente o clássico *The Theory of the Leisure Class*, os artigos *The Beginnings of Ownership*, *The Socialist Economics of Karl Marx and his Followers* e mais alguns *reviews* de livros que ele publicou no *Journal of Political Economy* da Universidade de Chicago. Em termos gerais, Veblen via a história como um processo evolutivo cego, em que o progresso não estava garantido e sem rupturas previamente estabelecidas. De acordo com Conceição (2007, p. 633), a interpretação evolucionária de Veblen é que “a história evolui enquanto processo “absurdista”, como uma trajetória cega, inexistindo qualquer movimento dialético que leve a rupturas pré-estabelecidas ou “redentoras”, muito menos a um processo determinístico de progresso”.

Traçando as origens e os significados da propriedade, Veblen percebeu que a maneira pela qual esta vinha sendo tratada pelos economistas estava imbuída em preconceitos do tipo de “Direitos Naturais” em uma conjuntura de estabelecimento da ordem natural. Contrariamente a essa percepção generalizada, Veblen (1898b, p. 354) afirmou que “*the point in question is the origin of the institution of ownership, as it first takes shapes in the habits of thought of the early barbarian*”. Com isso, Veblen identifica como marco de análise a origem e a constituição da propriedade privada, ao passo que, tal como Marx, identifica um estágio, o qual ele chama de *bárbaro*. No entanto, para Veblen o estágio bárbaro não representa o mesmo que tribal para Marx. Sua definição do desenvolvimento da sociedade leva em questão várias fases, sendo que a inicial seria o estágio pacífico, que por sua vez alcançou o predatório, depois o de quase-indústria pacífica, para o de moderna selvageria, passando pelo barbarismo e só então alcançou o último, que seria o moderno (VEBLEN, 1994, p. 23-42).

Se a propriedade está intimamente relacionada à questão dos hábitos de pensamento, esta por sua vez está intimamente relacionada às instituições. Dessa maneira, a propriedade tem um aspecto fundamental ligado à psicologia e não a uma natureza meramente mecânica. Em suas palavras,

*Ownership is not a simple and instinctive notion that is naïvely included under the notion of productive effort on the one hand, nor under that of habitual use on the other (...) It is a conventional fact and has to be learned; it is a cultural fact which has grown into an institution in the past through a long course of habituation, and which is transmitted from generation to generation as all cultural facts are. (VEBLEN, 1898b, p. 360).*

Evidencia-se aqui um aspecto cultural da história a respeito da propriedade no que diz respeito à separação entre “donos”/“proprietários” e “empregados”/“trabalhadores”.

No barbarismo, há a preservação da cultura domiciliar patriarcal sem questionamentos, isto é, a propriedade se encontrava com o chefe da família. Nesse estágio, duas classes econômicas tomam forma. A primeira delas corresponde aos envolvidos em empregos industriais. Já a segunda corresponde aos que estão envolvidos em empregos não-industriais. À medida que se volta no tempo em direção a mais antiga cultura bárbara, percebe-se que o recurso à proeza individual a base fundamental da posse se dá de maneira mais imediata e mais habitual. Esse processo de habituação se caracteriza como mecanismo de legitimação da posse da propriedade.

Para Veblen, a emergência da propriedade como uma instituição está intimamente relacionada à transição de um hábito de vida pacífico para um tipo predatório. O que diferencia esta forma mais antiga de barbarismo são os elementos de exploração, coerção e apreensão. “*In its earlier phases ownership is this habit of coercion and seizure reduced to system and consistency under the surveillance of usage*”. (VEBLEN, 1898b, p. 362). O exemplo dado por Veblen é o da “captura da mulher” e o seu papel na divisão do trabalho nas fases mais antigas. Este, por sua vez, desenvolver-se-ia até a uma nova forma de casamento entre homem e mulher em que o homem se traduz em chefe ou mestre. “*This ownership-marriage seems to be the original both of private property and of the patriarchal household. Both of these institutions are, accordingly, of an emulative origin*”. (VEBLEN, 1898b, p. 364).

### 3.4 A AGENDA DE PESQUISA INCOMPLETA DE VEBLEN

O artigo de Malcolm Rutherford (1998) contempla o programa de pesquisa proposto embrionariamente por Veblen como inserido em uma agenda de pesquisa genuinamente evolucionária, embora em caráter preliminar e naturalmente incompleto. O caráter metodológico da

referida linha de pesquisa é explicitada, segundo ele, em *Why is economics not an evolutionary science* (Veblen, 1898a).

Em síntese, o que seu ensaio de teoria preconizava era uma sistematização de como operariam as mudanças nas condições econômicas a partir das novas tecnologias, e como estas novas condições econômicas conduziriam a novas formas de pensar e a novas instituições, através de um processo não-intencional de “habituação” dos indivíduos. Seguidores de Veblen encontraram muitas dificuldades em desenvolver este programa de pesquisa e isto explica muito do “abandono” do institucionalismo a partir dos anos 1930.

Em seu artigo clássico de 1898, Veblen atacava os economistas de então por estarem muito atrás de seu tempo e sem elementos para transformar a economia em uma ciência moderna (Veblen, 1898a, p. 56) e já então preconizava pela reconstrução da economia em termos evolucionários. Sob este aparato metodológico, Veblen considerava que o avanço teórico deveria se realizar em termos de “*colorless impersonal sequence of cause and effect*” (Veblen 1898a, pp. 60-1). Isto constituiria em um avanço não meramente descritivo ou somente uma simples “*narrative account of industrial development*” (Veblen 1898, p. 58 *apud* Rutherford, 1998, p. 464). Mais ainda, o desenvolvimento de uma teoria evolucionária propriamente dita seria possível somente com a incorporação de uma visão que contemplasse a natureza cumulativa da sequência de causa e efeito.

Tal proposição rivaliza desde o início com a economia neoclássica, que, para Veblen, era tida, como já se viu nesta seção, como estática, baseada em critérios de uma “adequação cerimonial”, e convergente a uma tendência “normal” ou “natural” ao estado de equilíbrio. Afora isto, qualquer situação era vista como distúrbio externo, sugerindo que a economia caminharia natural e normalmente a uma situação finalística previsível.

Portanto, alternativamente, Veblen propunha uma (nova) economia evolucionária baseada na reformulação do “processo de vida econômica” (*ibid.*, p. 70 *apud* Rutherford, 1989, p. 465). Sob esta nova compreensão do processo de vida econômica é central a importância do processo de “mudança” e a forma como ela opera sobre o “agente humano”, e, mais exatamente sobre o conhecimento, as habilidades e os hábitos de pensamento dos agentes. Essa concepção exige a rejeição da psicologia hedonista contida na formulação econômica convencional, já que o respectivo hedonismo implica em um caráter “*a passive and substantially inert and immutably given human nature*” (*ibid.*, p. 73). Como se viu, para Veblen, os indivíduos são ativos e dirigem suas atividades individuais sob determinadas “circunstâncias de temperamento” (*op. Cit.*, p. 465). Estas são resultante de sua hereditariedade e experiências passadas, que se acumulam ante um determinado



padrão de tradições, convenções e circunstâncias materiais. Em nenhum momento, elas são dadas para os indivíduos, mas constituem o ponto de partida para o próximo passo dentro de um processo. Rutherford cita passagem de Veblen que persegue claramente este caminho:

*The economic life history of the individual is a cumulative process of adaptation of means to ends that cumulatively change as the process goes on, both the agent and his environment being at any point the outcome of the last process... What is true of the individual in this respect is true of the group in which he lives. All economic change is a change in the economic community,—a change in the community's methods of turning material things to account. The change is always in the last resort a change in habits of thought. This is true even of changes in the mechanical processes of industry. A given contrivance for effecting certain material ends becomes a circumstance which affects the further growth of habits of thought—habitual methods of procedure—and so becomes a point of departure for further development of the methods of compassing the ends sought and for the further variation of the ends that are sought to be compassed. (Ibid., pp. 74-5).*

Daí se depreende a famosa passagem em que Veblen afirma que a economia evolucionária “*must be the theory of a process of cultural growth as determined by the economic interest, a theory of a cumulative sequence of economic institutions stated in terms of the process itself*” (ibid., p. 77). E fica claro que a concepção de Veblen acerca desta tarefa tinha começado a ser formulada, em seus primeiros estágios, em seus escritos. Houve poucos avanços nos 25 anos que se sucederam. Contudo, o que se extrai daí é que, segundo Rutherford (1998, p. 465), o ensaio de Veblen de 1898 foi um manifesto para uma economia evolucionária, e um esboço metodológico, cujos componentes do referido programa de pesquisa foram desenvolvidos em seus primeiros três livros: *The Theory of the Leisure Class* (1994), *The Theory of Business Enterprise* (1975), e *The Instinct of Workmanship and the Irsomeness of Labor* (1898c). Entre os anos 1920 e 1930, o Institucionalismo Americano foi profundamente influenciado por Veblen em seus aspectos sociais e institucionais, mas não incluiu nenhum avanço nos moldes “evolucionários” por ele propostos.

#### **4. EXISTE UMA APROXIMAÇÃO DARWINIANA ENTRE MARX E VEBLEN?**

Até aqui, consideramos a maneira pela qual ambos os autores lidam com a concepção de história. Identificou-se que ambas as teorias lidam com arcabouços analíticos diferenciados, isto é, são frutos de sistemas filosóficos complexos e que olham o fenômeno social por ângulos distintos. A questão é: quão distintos são esses olhares?

De acordo com Hunt (1979, p. 114), a crítica na qual consiste a alegação de que Marx fundamenta sua concepção de história a partir de uma metafísica dialética de Hegel é equivocada.

*Marx himself, however, not only rejected Hegel's metaphysical dialectic but also was highly critical of that view throughout all his writings”. Segundo ele, “For Marx, the dialectic was*

*epistemological not only ontological; it was a method of thinking and not existentially inherent in matter. (HUNT, 1979, P. 115).*

Dessa maneira, o entendimento de Marx sobre a história não seria meramente a respeito da natureza de ser do processo. Era, acima de tudo um método de análise no qual tanto a realidade mental quanto a material importavam. No entanto, entende-se neste trabalho que a dialética de Marx é epistemológica porque é ontológica, pois esta se trata de uma *Weltanschauung* específica, crítica, que engloba tanto o “ser” como o “saber” e, sendo assim, aproximamo-nos mais de Giannotti (1985).

Sanderson (1988) conclui que Marx e Engels tinham um caráter teórico evolucionário, pois estes apresentaram uma teorização histórica do desenvolvimento social que ensejava evidenciar caminhos diversos pelos quais a história humana trilhou, mas em nenhum momento apresentaram um plano pelo qual a história se caminharia daqui para frente.

Se entendermos a evolução como uma teoria da mudança histórica do mundo biológico (HINSHAW, 2008, p. 261), Marx pode então ser visto como um teórico evolucionário, pois, em suas próprias palavras,

a importante questão sobre a relação do homem com a natureza (ou então, como afirma Bruno na p. 110, “as oposições em natureza e história”, como se as duas “coisas” fossem coisas separadas uma da outra, como se o homem não tivesse sempre diante de si uma natureza histórica e uma história natural). (MARX e ENGELS, 2011, p. 31, grifos próprios).

Apesar de um nexos evolucionário em sua teoria da história, Marx e Veblen ainda possuem distinções consideráveis. Edgell e Townshend (1993) procuram argumentar as diferenças entre ambos os autores a partir de uma revisão bibliográfica sobre a aproximação entre eles. Entretanto, ao fazerem tal empreitada caracterizam o pensamento de Marx como possivelmente teleológico, mesmo advertindo que tal ponto ainda é inconclusivo. Citam-se, fora de contexto e sem uma base analítica mais profunda, três frases pelas quais seria possível evidenciar elementos de teleologia e determinismo no pensamento de Marx. Uma delas se refere a um trecho do *Manifesto do Partido Comunista*, outra apresenta referência para consulta bibliográfica errada e outra se trata de um trecho do livro I de *O Capital*. Em primeiro lugar, é preciso diferenciar os textos de Marx, pois há aqueles em que claramente o autor está exercendo sua agência como militante político (que é o caso do *Manifesto*) e os propriamente de construção de uma teoria social própria. Evidentemente não é possível separar tais coisas enquanto cientista social, mas há um direcionamento a um público específico ao qual foi redigido o *Manifesto do Partido Comunista*. Este não visava teorizar sobre a história, mas sim a um objetivo político prático determinado, o que o invalida em uma tentativa de

caracterizar ou não o pensamento de Marx como teleológico. Em segundo lugar, como já foi dito acima, as demais citações se encontram fora de contexto e sem a devida análise criteriosa.

A formação do pensamento de Marx a respeito da história tem uma genealogia fundamentalmente a partir de *A Ideologia Alemã* e os *Grundrisse*. A análise não criteriosa das passagens nas quais Marx disserta sobre a história em outras obras obscurece seu real significado. Nesse sentido, o entendimento da concepção marxiana de história passa necessariamente pela análise dessas duas obras anteriormente citadas, fato que muitos críticos não o fazem. O próprio Veblen (1906, p. 579) parece recorrer a este equívoco, como pode ser visto nas referências por ele indicada nas notas de rodapé da página em questão. Duas das referências são textos de Engels, um autor que influenciou muito as ideias pós-Marx a respeito do materialismo histórico no sentido de lhe dar uma noção etapista<sup>12</sup>. A outra referência sobre o materialismo histórico citada por Veblen é o famoso *Prefácio à Contribuição para a Crítica da Economia Política*, que consiste apenas em um guia sistemático do próprio pensamento de Marx sobre o desenvolvimento histórico.

Giannotti (1976) esclarecendo a categoria “modo de produção” no pensamento de Marx, diz-nos mais sobre o caráter do indivíduo dentro desta visão, o qual é em si um ser social, um elemento de sua espécie. Em suas palavras:

A produção se faz desde o início sob o pressuposto de uma sociabilidade originária, de um vínculo com outrem, que advém do fato do homem existir como espécie, como ser genérico incapaz de trabalhar sozinho. Isto se perde quando a produção se faz para a troca entre proprietários privados, completamente desligados de qualquer laço social prévio. (GIANNOTTI, 1976, p. 165).

Dessa maneira, o que Marx procura compreender é a maneira pela qual a relação dos homens entre si e não propriamente o indivíduo isolado, visto que este está indissociavelmente condicionado a uma sociabilidade, que por sua vez apresenta uma especificidade histórica. No caso do capitalismo, nas palavras de Giannotti (1976, p. 165):

Percebemos assim que o sistema capitalista, aquele em que se generaliza a produção de mercadorias, não se constitui pela somatória dos processos do trabalho coletivo, instaurando-se, pelo contrário, graças à absorção de produtos cujos processos individuais de formação são em grande parte negados.

A sociabilidade do indivíduo no capitalismo está fundamentada no conflito entre capital e trabalho, que a partir da perspectiva do processo de trabalho diz respeito à sujeição a esta condição coisificada e subordinada que os trabalhadores apresentam dentro do sistema capitalista, visto que as

---

12 Uma discussão pormenorizada a respeito das origens do etapismo entre Marx e Engels é feita em Antunes (2005).

condições do sistema pontuam que os trabalhadores devam atuar na própria reprodução do sistema. Com isso, busca-se transformar a maior quantidade de meios de produção em mercadorias durante o tempo da jornada de trabalho. Dessa maneira, o trabalhador outorga parte da vida dele à lógica da produção capitalista<sup>13</sup>.

Cabe ainda duas cartas de Marx que podem esclarecer melhor essa questão da teleologia ou não de sua teoria da história. Em carta direcionada a Ferdinand Lassalle, Marx apresenta, dentre outras coisas, dois pontos essenciais na compreensão deste assunto. Em primeiro lugar, comentando o livro *Der Mensch in der Geschichte*<sup>14</sup>, de Adolf Bastian, reclama a Lassalle do caráter pouco formal e muito pretensioso do livro. Em suas palavras,

*his endeavour to explain psychology in terms of 'natural science' amounts to little more than a pious wish. His endeavour to explain history in terms of 'psychology', on the other hand, shows that the man does not know what psychology is, or, for that matter, history. (MARX, 1861).*

Ainda na mesma carta, Marx comenta sobre outro autor contemporâneo a ele: Charles Darwin. Em sua avaliação, Marx enxerga em Darwin muitas proximidades com sua formulação teórica a respeito da história da luta de classes. De acordo com Marx,

*Darwin's work is most important and suits my purpose in that it provides a basis in natural science for the historical class struggle. One does, of course, have to put up with the clumsy English style of argument. Despite all shortcomings, it is here that, for the first time, 'teleology' in natural science is not only dealt a mortal blow but its rational meaning is empirically explained. (MARX, 1961).*

Apesar da brincadeira que Marx faz a respeito do estilo de escrita adotado por Darwin, ele argumenta que o autor inglês conseguiu destruir tentativas de concepções finalísticas no âmbito das ciências naturais. Isto, a seu ver, foi algo valoroso e importante para o desenvolvimento científico. De acordo com Colp Jr. (1974, p. 330), ao tomar contato com *A Origem das Espécies* de Darwin, Marx se impressionou pelo conteúdo da obra e ele

*accepted its theory of organic evolution; and he admired its materialism, rational arguments, and its being against "teleology" in the natural sciences (...) Then he wrote to his friend and co-thinker Frederick Engels that The Origin 'contains the basis in natural history for our view'.*

Em outra carta, desta vez destinada ao editor do *Otecestvenniye Zapisky* Marx rebate severamente as críticas feitas em um review de *O Capital* em que, segundo ele, M. Shukovsky teria tido uma visão equivocada de sua obra ao metamorfosear a transição dos modos de produção na Europa ocidental

---

13 Ver Marx (1996, livro I, p. 317-326).

14 "O Homem na História", tradução própria.

em uma *marche générale* que cairia sobre todos os povos. A transcrição do trecho abaixo esclarecerá muitos pontos a respeito deste debate,

*In several parts of Capital I allude to the fate which overtook the plebeians of ancient Rome. They were originally free peasants, each cultivating his own piece of land on his own account. In the course of Roman history they were expropriated. The same movement which divorced them from their means of production and subsistence involved the formation not only of big landed property but also of big money capital. And so one fine morning there were to be found on the one hand free men, stripped of everything except their labour power, and on the other, in order to exploit this labour, those who held all the acquired wealth in possession. What happened? The Roman proletarians became, not wage labourers but a mob of do-nothings more abject than the former "poor whites" in the southern country of the United States, and alongside of them there developed a mode of production which was not capitalist but dependent upon slavery. Thus events strikingly analogous but taking place in different historic surroundings led to totally different results. By studying each of these forms of evolution separately and then comparing them one can easily find the clue to this phenomenon, but one will never arrive there by the universal passport of a general historico-philosophical theory, the supreme virtue of which consists in being super-historical". (MARX, 1877, grifos próprios).*

Dessa maneira, fica claro o que Marx pretendia com sua teoria da história. Ele não estava construindo um modelo teórico geral, em que todas as sociedades humanas necessariamente iriam passar, mas sim um esquema analítico em que as condições reais tinham papel fundamental na própria formação da consciência humana, que por sua vez era datada historicamente. Portanto, quando Marx se refere sobre a história, sua análise pode ser vista em dois momentos. O primeiro deles diz respeito à teorização histórica propriamente dita, isto é, a maneira pela qual se olha em termos macro o desenvolvimento histórico das sociedades. O segundo momento trata das digressões históricas realizadas a partir do método da dialética histórico-materialista, que não necessariamente acarretará nos mesmos resultados, visto que cada sociedade possui especificidades próprias.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisar as obras dos dois autores referentes à genealogia da concepção de história em Karl Marx e Thorstein Veblen é possível ver um caráter evolucionário na obra de Marx, ao contrario do que sugeriu Veblen? A resposta, dado o estudo realizado aqui, parece indicar que sim. Nesse sentido, tal argumento invalidaria a análise vebleniana da história? A resposta, parece-nos claro, é não.

Ambos os autores apresentam diferentes arcabouços teóricos, tal como colocou Edgell e Townshend (1993, p. 735). Nesse sentido, as evidências que sugerem um caráter evolucionário da teoria marxiana da história ao invés de afastarem ambos os autores, podem ser elementos que os aproxime cada vez mais. Isto significa uma aproximação teórica entre a Escola Institucionalista de

matriz vebleniana e Marx no sentido de um amplo programa de pesquisas. Tal argumentação faz sentido dado que ambos os autores, Marx e Veblen, constituíram-se como grandes críticos do *status quo* estabelecido, tanto no que diz respeito à teoria econômica, quanto ao que diz respeito ao próprio sistema capitalista.

É preciso, no entanto, reconhecer as diferenças fundamentais entre as concepções vebleniana e marxiana de história e mudança histórica. Cohen (2000) argumenta que o pensamento de Marx apresenta pelo menos quatro grandes eixos de ideias, quais sejam, uma antropologia filosófica, uma teoria da história, uma ciência econômica, e uma visão de futuro da sociedade. Estas, entretanto, não se constituem partes isoladas, mas elementos constituintes do sistema filosófico marxiano, cuja aproximação com Veblen, como procuramos aqui mostrar, dá-se no caráter evolucionário do movimento dialético.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABULAFIA, D. (ed.). The new Cambridge medieval history: c; 1198-c. 1300. Cambridge University Press, 1999.

ANTUNES, J. Marx e Engels e a origem do etapismo na teoria da historia marxista. Anais do IV Colóquio Internacional Marx-Engels, disponível em <http://www.unicamp.br/cemarx/ANAIS%20IV%20COLOQUIO/comunica%E7%F5es/GT2/gt2m5c7.pdf> , acessado em julho-2012, 2005.

ARGYROUS, G.; SETHI, R. (1996). The theory of evolution and the evolution of theory: Veblen's methodology in contemporary perspective. **Cambridge Journal of Economics**, vol. 20, n. 4, p. 475-495, 1996.

BURKE, P. A escolar dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia. Ed. Unesp, São Paulo, 2010.

COHEN, G. A. Karl Marx's theory of history: a defense. Princeton University Press, 2000.

COLP Jr, R. The contacts between Karl Marx and Charles Darwin. **Journal of the History of Ideas**, vol. 35, n. 2, p. 329-338, 1974.

COMMONS, J. R. Institutional Economics, New York, Macmillan, 1934.

CONCEIÇÃO, O. A. C. O Conceito de Instituição nas Modernas Abordagens Institucionalistas. **Revista de Economia Contemporânea**. Rio de Janeiro, vol. 6 n. 2, p. 119-146, 2002.

CONCEIÇÃO, O. A. C. Além da Transação: Uma Comparação do Pensamento dos Institucionalistas com os Evolucionários e Pós-Keynesianos. **Revista EconomiA**, vol. 7, n. 3, p. 621-642, 2007.

EDGEELL, S.; TOWNSHEND, J. Marx and Veblen on human nature, history, and capitalism: vive la différence!. **Journal of Economic Issues**, vol. 27, n. 3, p. 721-739, 1993.

GIANNOTTI, J. A. As origens da dialética do trabalho: estudo sobre a lógica do jovem Marx. Ed. L&PM, Porto Alegre, 1985.

GIANNOTTI, J. A. Notas sobre a categoria Modo de Produção para uso e abuso dos sociólogos. **Estudos CEBRAP**, n. 17, São Paulo, Ed. Brasileira de Ciências, 1976.

HINSHAW, J. H. Karl Marx and Charles Darwin: towards an evolutionary history of labor. **Journal of Social, Evolutionary, and Cultural Psychology**, 2nd annual meeting of the Northeastern Evolutionary Psychology Society, p. 260-280, 2008.

HODGSON, G. Thorstein Veblen and post-Darwinian economics, **Cambridge Journal of Economics**, vol. 16, September, 285-301, 1992.

HODGSON, G. On the evolution of Thorstein Veblen's evolutionary economics. **Cambridge Journal of Economics**, vol. 22, n. 4, p. 415-431, 1998.

HODGSON, Geoffrey. How Economics Forgot History: The Problem of Historical Specificity in Social Science, Routledge, London, 2001. (Also in Chinese edition.)

HUNT, E. K. The importance of Thorstein Veblen for contemporary marxism. **Journal of Economic Issues**, vol. 13, n. 1, p. 140, 1979.

MARX, K. Draft of an article on Friedrich's List book: *Das Nationale System der Politischen Oekonomie*. In: *Marx and Engels Collected Works*, vol. 4, p. 265. Disponível em <http://www.marxists.org/archive/marx/works/1845/03/list.htm> , acessado em fevereiro-2013, 1845.

MARX, K. Letter to Ferdinand Lassalle in Berlin (London, 16/01/1861). In: *Marx and Engels Collected Works*, vol. 41, p. 245. Disponível em [http://www.marxists.org/archive/marx/works/1861/letters/61\\_01\\_16.htm](http://www.marxists.org/archive/marx/works/1861/letters/61_01_16.htm) , acessado em julho-2012, 1861.

MARX, K. Letter from Marx to the editor of the *Otecestvenniye Zapisky*. In: *Marx and Engels Correspondence*, International Publishers (1968). Disponível em <http://www.marxists.org/archive/marx/works/1877/11/russia.htm> , acessado em julho-2012, 1877.

MARX, K. Introdução à contribuição para a crítica da economia política. In: *Para a crítica da economia política; salário preço e lucro; o rendimento e suas fontes*. Col. Os Economistas, ed. Abril Cultural, São Paulo, 1982.

MARX, K. O capital: crítica da economia política, livro I. Col. Os Economistas, ed. Nova Cultural, São Paulo, 1996.

MARX, K. Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. Ed. Boitempo, 2011.

MARX, K.; ENGELS, F. A ideologia alemã. Ed. Boitempo, 2011.

McNULTY, P. J. Hoxie's economics in retrospect the making and unmaking of a Veblenian, **History of Political Economy**, vol. 5, Fall, 449-84, 1973.

POPPER, K. The poverty of historicism, I. **Economica**, vol. 11, n. 42, p. 86-103, 1944.

ROSS, D. Origins of American Social Science, Cambridge, Cambridge University Press, 1991.

RUTHERFORD, M. Thorstein Veblen and the problem of the engineers, **International Review of Sociology**, vol. 3, p. 125-50, 1992.

SANDERSON, S. K. The evolutionary theories of Marx and Engels. Working Paper Series, n. 38, Institute of Social Studies, p. 1-32, 1988.

VEBLEN, T. Why is economics not an evolutionary science?. **Quarterly Journal of Economics**, vol. 12, n. 4, p. 373-397, 1898a.

VEBLEN, T. The beginnings of ownership. **American Journal of Sociology**, vol. 4, n. 3, p. 352-365, 1898b.

VEBLEN, T. The instinct of workmanship and the irksomeness of labor, **American Journal of Sociology**, vol. 4, September, 187-201, 1898c.



VEBLEN, T. Industrial and pecuniary employments. Reprinted (1961) in *The Place of Science in Modern Civilization*, New York, Russell & Russell, 279-323, 1901.

VEBLEN, T. The place of science in modern civilization. **American Journal of Sociology**, vol. 11, n. 5, 1906a.

VEBLEN, T. The socialist economics of Karl Marx and his followers. **Quarterly Journal of Economics**, vol. 20, n. 4, p. 575-595, 1906b.

VEBLEN, T. Imperial Germany and the industrial revolution, New York, Augustus M. Kelley, 1954.

VEBLEN, T. The vested interests and the common man, New York, Augustus M. Kelley, 1964.

VEBLEN, T. The engineers and the price system, New York, Augustus M. Kelley Downloaded from <http://cje.oxfordjournals.org> at Universidade Federal do Rio Grande do Sul on March 19, 1965.

VEBLEN, T. The theory of business enterprise, Clifton, NJ, Augustus M. Kelley, 1975.

VEBLEN, T. The theory of the leisure class: an economic study of institutions. Dover Publications, New York, 1994.